

**PARADISE NOW: REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADES
CULTURAIS PALESTINAS NO CINEMA**

Pedro Henrique Libânio MAGGIOTTI

Daniel Bueno de Melo SERRANO

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Machado Maher

RESUMO: Ainda hoje a representação midiática das identidades culturais palestinas está baseada em estereótipos e em concepções simplistas do mundo oriental. Embasado nos conceitos de representação e identidade cultural, este artigo analisa falas do personagem Said, do filme *Paradise Now* (2005, direção de Hang Abu-Assad), a fim de reconhecer as imagens que o personagem constrói dos chamados *colaboradores*, palestinos que oferecem às autoridades de Israel informações sobre ações dos grupos de resistência, tornando-se mal vistos pela comunidade palestina. O discurso do personagem é complexo, mutável e repleto de incertezas identitárias – reflete-se no caráter instável de suas representações, configurando objeto de estudo pertinente para um ensino crítico que aborde as relações de poder que envolvem a utilização da linguagem.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Identidades Culturais; Palestina.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação dos *colaboradores* a partir das falas do personagem Said no filme *Paradise Now* (2005, direção de Hang Abu-Assad). Entende-se representação, tomando por base o trabalho de Stuart Hall (1997), como a produção de significados por meio da linguagem. Dessa maneira, procura-se compreender que identidades o personagem atribui aos *colaboradores*, palestinos que são coagidos por autoridades israelenses a revelar informações acerca das ações de resistência à ocupação.

Adota-se, neste artigo, uma postura socioconstrucionista, que reconhece o papel do discurso como agente modulador de identidades e de relações sociais. Esse posicionamento justifica a seleção para análise de três trechos de diálogo do filme, em que, na interação entre os personagens, articulam-se, por meio do discurso, representações sobre a identidade dos *colaboradores*. De acordo com Moita Lopes (2002, p.144), “as pessoas estão na verdade agindo no mundo quando contam histórias e, portanto, estão fazendo coisas umas com as outras através das histórias que contam ou ouvem”.

A escolha do tema e do objeto de análise justifica-se pelo fato de que o filme, realizado por um palestino, representa uma perspectiva pouco contemplada no discurso da mídia ocidental. O conflito árabe-israelense recebe, frequentemente, por parte dos meios de comunicação, um

tratamento polarizante calcado em estereótipos. Essa simplificação da realidade implica, de acordo com Fabrício & Moita Lopes (2005), uma aproximação equivocada do oriente ao fundamentalismo. Retomando estudos de Edward Said (1981), os autores afirmam que o mundo islâmico é frequentemente retratado de forma generalizante e monolítica, o que perpetua a “associação automática do ‘Islã’ ao fundamentalismo e a toda sorte de aspectos negativos como violência, primitivismo, atavismo e qualidades ameaçadoras” (FABRÍCIO & MOITA LOPES, 2005, p.255).

Nesse contexto, *Paradise Now* parece não temer reafirmar (involuntariamente) esses discursos, já que se dedica justamente à abordagem dos homens-bomba, fazendo-o, contudo, de modo não dramático. É por tratar do tema reconhecendo sua complexidade e sem idealizar ou simplificar as identidades palestinas que o filme se torna objeto de estudo pertinente dentro de um ambiente de ensino crítico que se pretenda focado nos modos de utilização da linguagem.

O filme

Dirigido pelo palestino Hany Abu-Assad, *Paradise Now* narra a história de Said e Khaled, dois amigos que trabalham em uma oficina mecânica em Nablus, cidade localizada na Cisjordânia com população aproximada¹, em 2007, de 126 132 habitantes. Os dois companheiros são recrutados por um grupo de resistência palestino (liderado por Abu-Karem) para realizar uma operação suicida na cidade de Tel-Aviv.

Ao saber da convocação, Said e Khaled retornam cada um a sua casa para passar a noite com a família. Não devem, contudo, revelar nada a ninguém. Passam, em seguida, por uma detalhada preparação. Já com os explosivos acoplados aos seus corpos, Said e Khaled são conduzidos por Jamal (amigo dos dois que trabalha na mesma organização de Abu-Karem) até o ponto em que devem, um após o outro, atravessar a fronteira para consolidar a operação. Alguns acontecimentos, no entanto, fazem com que se separem. Khaled retorna à sede da organização, enquanto Said quase leva a cabo o ataque suicida dentro de um ônibus. Acaba, contudo, desistindo, e também retorna a Nablus.

O filme é permeado por uma relação instável de Said com Suha, uma palestina multicultural (nascida na França e criada no Marrocos, é filha de Abu-Assam, líder que goza de grande respeito na comunidade palestina). Depois que Khaled localiza Said (desde a operação fracassada, estavam separados), os dois encontram-se novamente com Abu-Karem, líder da organização de resistência, que resolve conversar com Said em particular. Abu-Karem mostra-se insatisfeito com a conduta de Said e indica que este estaria descartado da operação.

O posicionamento dos dois amigos parece alternar durante o filme. Embora fossem próximos e, por isso, pensassem de forma semelhante, fica claro que, no início, é Khaled quem demonstra maior convicção quanto ao ataque suicida que iriam cometer. Said, por sua vez, parece inseguro. A evolução do filme faz com que Khaled passe a colocar em xeque sua convicção, admitindo, depois de conversas com Suha, que a resistência pacífica (e portanto conflitante com o ataque suicida) pudesse ser a melhor saída. Sua convicção inicial parece ser transmitida a Said, que, nos momentos finais do filme, mostra-se mais decidido quanto à operação.

¹ Segundo dados de 2007 do *Palestinian Central Bureau of Statistics*, disponíveis em <http://www.pcbs.gov.ps/Portals/_pcbs/census2007/ind_loca_09.pdf>. Acesso em: 29. mai. 2010.

Os dois voltam a Israel; no entanto, parecem desistir novamente do plano. Said, contudo, dissimulara. Khaled entra em um carro para voltar a Nablus; Said engana-o e não o segue, o que novamente os separa. A cena final mostra Said sentado em um ônibus ao lado de israelenses. A câmera realiza lentamente um movimento de aproximação, enquadrando detalhadamente os olhos de Said. Há um corte para uma tela toda branca e, em seguida, para uma tela preta.

Os colaboradores

Tendo em vista que a análise busca compreender a representação que Said faz dos *colaboradores*, é necessário observar que o pai de Said havia sido um deles. Os *colaboradores*, chamados também de *informantes*, no contexto do conflito árabe-israelense, são os palestinos que são coagidos a oferecer às autoridades de Israel informações sobre os grupos de resistência e sobre suas ações. Para que se tornem *colaboradores*, Israel oferece a esses palestinos dinheiro, produtos e sentenças de prisão menos rigorosas. Gross (2003), com base em estudos de Be'er & Abdel-Jawad (1994) e Rigby (1997), estima que o número de *colaboradores* varie entre 40.000 e 120.000, o que representaria de 1% a 3% da população palestina.

De acordo com Gross (*op. cit.*), o recrutamento de *colaboradores* por parte de Israel pode ser associado a uma estratégia que busca conquistar a confiança de alguns indivíduos para, depois, traí-la. A prática teria como base a exploração da fraqueza político-econômico-militar dos palestinos, o que, inclusive, contribuiria para o desgaste moral dessa população.

Quando líderes palestinos descobrem que um “igual” está atuando como *colaborador*, é comum que o executem. Na sociedade palestina, a presença e discussão desses temas parece ser, ao que indica o filme, um dado comum.

Três trechos do filme foram por nós selecionados para análise. No exame desses trechos pretendemos articular alguns pontos teóricos referentes aos conceitos de identidade, cultura e representação.

Said conversa com sua mãe

A primeira cena selecionada apresenta um diálogo entre Said e sua mãe. Informado por Jamal na noite anterior sobre a missão suicida, o protagonista, assim como Khaled, é enviado de volta à casa de sua família para permanecer uma última noite, sob a condição de não contar a ninguém sobre o atentado em Tel-Aviv.

(Said e sua mãe em casa. A mãe fuma e observa Said, que está podando uma árvore)

Mãe: É incrível como você se parece com seu pai.

(Silêncio e troca de olhares)

Mãe: Venha, sente-se e tome café.

(Said senta-se ao lado da mãe)

Said: Fale-me dele. Como era?

Mãe: O que deu em você hoje?

Said: Era como as pessoas falam?

Mãe: Esqueça. (*pausa*) É passado. (*pausa*) Allah tenha piedade dele. (*pausa*) Said, o que seu pai fez, fez por todos nós.

Said: Sim, mas...

Mãe: O mundo muda. Tudo muda exceto Allah. Você vai ver.

A conversa inicia-se a partir de uma comparação física, feita pela mãe, entre Said e seu pai, que acaba por despertar no protagonista certa curiosidade, não sobre características físicas, mas ideológicas, de seu pai. Isso fica evidente na pergunta de Said (“Era como as pessoas falam?”) e na resposta de sua mãe (“Esqueça. *(pausa)* É passado. *(pausa)* Allah tenha piedade dele. *(pausa)* Said, o que seu pai fez, fez por todos nós.”). Ainda, é em um dos últimos trechos do filme que a cena analisada ganha sentido completo, visto que, em diálogo com Suha, Said discorre sobre a identidade colaboracionista do pai. É igualmente importante notar que a ação do protagonista, que decide participar efetivamente do atentado ao final do filme, é muito influenciada pela posição que seu pai ocupava na sociedade palestina e evidenciada por um trecho que ainda analisaremos: uma conversa entre Said e Abu-Karem na qual o homem-bomba avalia que seu pai — já executado — era “frágil”.

Entretanto, retomamos o trecho transcrito anteriormente que, apesar de breve, possui pontos esclarecedoras sobre representação discursiva. Ao dizer para seu filho esquecer o que o pai fizera e apontar suas atitudes como pertencentes ao “passado”, a mãe de Said revela muito de sua identidade cultural, justamente pelo simples fato de escolher e excluir palavras de seu discurso.

A representação discursiva é uma “seleção”, no interior do próprio discurso, do que vai ser dito, como vai ser dito e o que não vai ser dito. Tanto as formas discursivas eleitas quanto as excluídas são as marcas de sua identidade cultural. As combinatórias de “escolhas” feitas pelo sujeito social revelam seu modo de representar a realidade. O modo de representar revela, além da identidade ou da alteridade do sujeito, todo o percurso de sua construção da realidade e de suas características culturais (LIMBERTI, 2002, p.3).

As pausas e o termo “esqueça” revelam hesitação em conversar com o filho sobre uma atitude que, aparentemente para ela, teria intencionado um benefício coletivo; mesmo assim, a mãe avalia as atitudes e ações de seu marido de modo muito discreto, tendo em vista que a prática colaboracionista é condenada pela grande maioria da sociedade palestina. Ela parece, assim, tentar não apenas definir o ex-marido como alguém frágil, vitimado e do qual se deve ter piedade, mas fazer com que o filho não siga o exemplo do pai. Prova disso é também a expressão “Allah tenha piedade dele”, que denota que o falecido marido cometera algo errôneo em seu julgamento e, conseqüentemente, estaria sendo punido pelo deus de sua crença.

A última fala de Said (“Sim, mas...”), propositalmente interrompida pela mãe, ou mais especificamente o termo “mas”, revela que o filho do *colaborador* enunciaria uma reação, um contra-argumento à fala anterior (“Said, o que seu pai fez, fez por todos nós”) em que a mãe justificava sutilmente a atitude tomada pelo marido no passado.

Se tomarmos como referência a partícula “mas” — e as considerações que acabamos de fazer a respeito dela — e o conceito de discursos de Fairclough (2001, p.104) que salienta que “os discursos não só refletem ou representam identidades sociais e as relações, eles as constroem e as constituem”, poderemos levantar a hipótese de que a relação que Said construiu quanto à repercutida atitude de seu pai é adversa e não conformista e ainda que a constituição de sua própria identidade social passa pela indignação, uma vez que segue, propositalmente, agindo de maneira contrária ao pai.

A revelação

Partimos, agora, para a análise da segunda cena selecionada. Said, depois de retornar da operação mal-sucedida, reencontra Suha. Os dois passam por um pequeno estabelecimento que comercializa artigos fotográficos e audiovisuais. Entre esses produtos, estão à venda fitas de vídeo com gravações de discursos de despedida de mártires e depoimentos de confissão de *colaboradores*, concedidos antes de serem fuzilados. A descoberta chama atenção de Suha. Em seguida, ao entrarem no carro, protagonizam o seguinte diálogo.

Suha: Te parece normal vender estas fitas?

Said: Há algo normal aqui?

Suha: É triste. Três milhões lutam para sobreviver. Nablus virou uma cadeia. Não sei o que estou fazendo aqui. Isto tudo é uma merda!

(Said interrompe-a)

Said: Meu pai era colaborador. Foi executado.

(Suha olha Said longamente, em silêncio)

Said: Eu tinha dez anos.

(Silêncio)

Suha: Eu sinto muito.

Said: Não, não se preocupe.

Suha: Como você lidou com isso?

Said: Bem... Não é tão terrível como parece.

Suha: Quer falar sobre isso?

Said: Para quê? Acabaria a ocupação? Por acaso eu ia parar de pensar que meu pai era colaborador? Todo mundo sabe.

Primeiramente, nota-se que a postura de Said diante de Suha é de visível impaciência, decorrente provavelmente de um momento de turbulência e indecisão quanto ao modo como deve agir (ou seja, levar a missão suicida a cabo ou não). A atitude de impaciência fica marcada pelas interrupções e pelas respostas ríspidas que Said dirige a Suha, como em “há algo normal aqui?”, no início, e “para quê?”, já no final do trecho. Vê-se um Said direto, seco, em contraposição a uma postura temerosa de Suha, que parece medir as palavras. No único momento em que Suha esboça um tom indignado (referindo-se ao enclausuramento representado por Nablus), Said revela a identidade colaboracionista do pai, como se propusesse que o sofrimento de Suha, perto do dele, é descabido. Tendo em vista que a representação dos *colaboradores* feita por Said configura o principal enfoque deste trabalho, é necessário que nos atenhamos a esse ponto.

As identidades sociais (das quais decorre, naturalmente, a representação que se faz do “outro”, como oposto ao “eu”), tomadas sob uma perspectiva socioconstrucionista, apresentam-se, de acordo com Moita Lopes (2002), associadas às seguintes características: fragmentação, contradição e fluxo. Exemplo disso é o discurso de Said. Em um primeiro momento, ele aponta o fato de o pai ter sido *colaborador* como algo vergonhoso e negativo, tanto que a revelação é impactante para Suha. Em seguida, contudo, parece reconsiderar sua posição; ao dizer que “não é tão terrível como parece”, atenua a representação negativa inicial de seu pai e dos *colaboradores*. A frase “todo mundo sabe”, que encerra o trecho analisado, parece novamente apontar para uma representação negativa, na medida em que avalia a conduta do pai *colaborador* levando em conta não apenas suas convicções, mas o posicionamento moral da sociedade palestina. Said preocupa-se, portanto, com a *imagem*

do pai e revela uma representação bastante fragmentada dos *colaboradores*, pois mostra dificuldade em lidar com duas facetas do “outro”: um *colaborador* político, distanciado, censurável, e, simultaneamente, um *colaborador* pai, próximo e que mobiliza sentimentos além dos político-ideológicos. A convivência desses dois olhares atormenta-o (“Por acaso eu ia parar de pensar que meu pai era colaborador?”), já que não consegue compreender o caráter contraditório de suas representações.

A indecisão de Said é comum, muito embora não corresponda ao fato de que os indivíduos têm sempre uma identidade fixa, estável e bem delimitada (HALL, 2006). Admitir o caráter complexo da identidade e, por consequência, das representações, faz parte de um grande desafio coletivo, já que, de acordo com Soares (2009, p.8), temos que “saber lidar melhor com nossas singularidades e incompletudes, com nossas lacunas e ausências”.

Se tomarmos a questão à luz do conceito de virtualização de Lévy (1996), notaremos que as identidades culturais são eminentemente virtuais, no sentido de que, antes de serem dados bem definidos e resolvidos, encontram-se em constante rearranjo, organizando-se em fluxos que, muitas vezes, incorporam elementos contraditórios. No campo dos estudos culturais, a abordagem de Cuche (2002) aponta para a mesma direção ao sugerir que a identidade “não chega jamais a uma solução definitiva” (CUCHE, *op. cit.*, p.196).

Fragilidade e colaboracionismo

Dos momentos finais do filme vem a terceira e última cena analisada neste trabalho. De volta a Nablus, Khaled localiza Said e, com ele, vai ao encontro de Abu-Karem, líder do grupo palestino de resistência e responsável pela missão a que os dois amigos haviam sido designados. Enquanto Khaled espera no corredor, Said e Abu-Karem têm, em separado, uma longa conversa. Abu-Karem revela-se decepcionado pelo fracasso da operação. Tem lugar, então, a seguinte fala de Said:

Said: Nasci em um campo de refugiados. Só se podia sair da Cisjordânia uma vez. Eu tinha seis anos e precisava fazer uma operação. Só essa vez. Viver aqui é como viver em uma prisão. Os crimes da ocupação são incontáveis. Mas o pior de tudo é explorar a debilidade das pessoas e convertê-las em colaboradores. Não só aniquilam a resistência, como também arruinam as famílias, sua dignidade e todo o nosso povo. Quando meu pai foi executado, eu tinha dez anos. Era um bom homem. Mas ficou frágil. A culpa foi da ocupação. Eles [os israelenses] devem entender que, se recrutam colaboradores, têm que pagar o preço.

O discurso de Said representa, particularmente nesse trecho, o discurso do estigmatizado. A noção de estigma, de acordo com Soares (2009), tem ligação direta com um sentimento de não-pertencer. Na cena anterior, a construção da imagem dos palestinos como um povo estigmatizado é percebida no discurso de Suha, quando desabafa: “Não sei o que estou fazendo aqui”. Na fala de Said dirigida a Abu-Karem, contudo, esse posicionamento fica ainda mais claro, a começar pelo termo “refugiados”, que sugere justamente esse sentimento de desterritorialização. A referência constante à “ocupação” reitera essa postura. Mais que isso, afirma-se novamente que a vida assemelha-se a uma prisão. É evidente que viver preso representa viver sem pertencer; a referência à prisão, contudo, chama também atenção para as relações de poder historicamente estabelecidas entre o Estado de Israel e o povo palestino. Nesse sentido, Fabrício e Moita Lopes (2005), baseando-se em Foucault (1977[1975]; 1979), afirmam que o exercício do poder no mundo moderno

(...) é necessariamente o exercício de um biopoder, isto é, um poder cujos tentáculos abrangem a gestão da vida em geral (o *bios*), nos polos individual e coletivo. Em relação ao indivíduo, o poder se exerce por meio da vigilância, da prevenção e do tratamento de comportamentos desviantes, pervertidos ou potencialmente perigosos, procedimentos típicos da sociedade disciplinar (FABRÍCIO & MOITA LOPES, 2005, p.245).

A parte inicial do discurso de Said, em que esse retoma um episódio de sua infância, é retoricamente forte, na medida em que, ao se posicionar como criança (frágil e indefeso, portanto), sugere ter sido vítima de exploração, o que, em seguida, é estendido a toda a população palestina. Por meio de uma breve historização da vida social (MOITA LOPES, 2002), Said constrói os palestinos, discursivamente, como colonizados, cuja identificação se daria pelo elemento comum da exploração. Nesse contexto, a aproximação de Said a um sentimento de coletividade se dá pelo reconhecimento de uma injustiça igualmente coletiva (CUCHE, 2002): os crimes da ocupação contra os palestinos. Daí Said falar com frequência em nome de todo o povo, o que serve, ainda, como elemento justificador da conduta do pai.

Particularmente no que se refere à representação dos *colaboradores*, Said adota, ao menos momentaneamente, uma posição definida. Se antes oscilava entre a condenação e a absolvição do pai e, por conseqüência, dos *colaboradores*, toma, nessa última cena, uma postura defensiva. Sua defesa do colaboracionismo baseia-se em compreendê-lo como decorrência de atitudes violentas da ocupação. A opção por termos intensificadores, como “crimes incontáveis”, “aniquilam”, “arruinam”, atua de modo a estabelecer associação entre ocupação e violência.

Além disso, Said aponta o colaboracionismo como inevitável diante de ações que relembram os palestinos a uma posição de passividade. Estes teriam sua “debilidade” explorada e seriam “convertidos” em *colaboradores*. Tudo relacionado à Palestina aparece como objeto de ações de Israel (“explorar a debilidade”, “converter em colaboradores”, “aniquilar a resistência”, “arruinar famílias”), o que sugere, mais uma vez, desproporção. Assim, a representação dos *colaboradores* dá-se por meio de uma “vitimização”. O pai, agora como personificação de todo um grupo de pessoas, aparece como um bom homem que, no entanto, “ficou frágil”. A admissão dessa fragilidade vai ao encontro de estudos sobre a questão dos *colaboradores*, que a apontam como uma estratégia de traição da confiança dos palestinos (GROSS, 2003).

Por fim, pode-se dizer que o discurso de Said, além de objetivar a persuasão de seu interlocutor (Abu-Karem), visa muito claramente a uma “auto-persuasão”, já que o personagem demonstra a intenção de desenvolver, para si próprio e por meio do discurso, uma convicção acerca do colaboracionismo. Said convence o outro ao mesmo tempo em que convence a si próprio, assim como é simultâneo o processo pelo qual tenta construir momentaneamente sua identidade e a representação do “outro”. A questão salienta, assim, o caráter relacional das identidades culturais (HALL, 2006).

Considerações finais

A insegurança emocional do personagem Said revela algumas características importantes sobre o caráter instável das identidades culturais, justamente as de não serem fixas, estáveis e bem delimitadas (HALL, 2006). O caráter de constante rearranjo da identidade,

também observado por Cuche (2002), encontra em Said exemplo preciso. Mais que isso, a dificuldade do personagem em lidar com sua própria incompletude e contradição retrata situação comum quando se trabalha com representações e identidades, conforme afirma Soares (2009).

Todas as incertezas identitárias de Said acabam refletidas em sua representação dos *colaboradores*. Sua alternância de posicionamentos atenta ainda para a construção de um personagem complexo e, por esse motivo, bastante real. Para uma análise que procurou levar em conta todas as nuances dos processos de identificação e de representação, um filme palestino que se recusa às simplificações, se contraposto a um ponto de vista midiático israelense, revelar-se-ia material rico e de grande potencial de aproveitamento em um ambiente de ensino crítico.

Referências bibliográficas

- BE'ER, Y.; ABDEL-JAWAD, S. (1994). *Collaborators in the Occupied Territories: Human Rights Abuses and Violations*, B'tselem, Jerusalém.
- CUCHE, D. (2002). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, EDUSC, Bauru.
- FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. (2005). "Discurso como Arma de Guerra: Um Posicionamento Ocidentalista na Construção da Alteridade". *D.E.L.T.A.*, vol. 21, n.spe, p.239-283. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29259.pdf>>. Acesso em: 14. out. 2009.
- FAIRCLOUGH, N. (2001). *Discurso e mudança social*, Editora UnB, Brasília.
- FOUCAULT, M. (1979). *Microfísica do poder*, Edições Graal, Rio de Janeiro.
_____.(1977[1975]). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*, Vozes, Rio de Janeiro.
- GROSS, M. L. (2003). "Fighting by Other Means in the Mideast: a Critical Analysis of Israel's Assassination Policy". *Political Studies*, vol. 51, n. 2, p.350-368. Disponível em: <<http://poli.haifa.ac.il/~mgross/Fighting%20by%20other%20means%20in%20the%20mideast.pdf>>. Acesso em: 23. out. 2009.
- HALL, S. A. (2006). *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, DP&A, Rio de Janeiro.
_____.(1997). *Representation: cultural representations and signifying practices*, Sage, Londres.
- KRESS, G.; HODGE, R. (1981). *Language as Ideology*, Routledge & Kegan Paul Ltd., Londres.
- LÉVY, P. (1996). *O que é virtual*, Editora 34, Rio de Janeiro.
- LIMBERTI, R. C. A. P. (2002). "Discurso, representação e identidade". Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci202.htm>>. Acesso em: 17. nov. 2009.
- MOITA LOPES, L. P. (2002). *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*, Mercado de Letras, Campinas.
- RIGBY, A. (1997). *The Legacy of the Past: the Problem of Collaborators and the Palestinian Case*, PASSIA, Jerusalém.
- SAID, E. (1981). *Covering Islam: how the media and the experts determine how we see the rest of the world*, Vintage, Nova York.

SOARES, R. L. (2009). “De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais”. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação / E-compós*, vol. 12, n. 1. Disponível em: <www.e-compos.org.br>. Acesso em: 31. out. 2009.

SCHNEIDER, S. J. (org.) (2008). *1001 filmes para ver antes de morrer*, Sextante, Rio de Janeiro.